

## O INVENTÁRIO E SEUS ACTORES E ACTRIZES NO PANORAMA MUSEOLÓGICO PORTUGUÊS

MUSEU UNIVERSITÁRIO (RPM) – Museu de Lanifícios

Património Industrial e Projecto *Rota da Lã-Translana*

Helena Correia e Amélia Santos Marques

(Técnicas da equipa do Museu com intervenção na área de inventário)

Covilhã – 15 /10 / 2009

Quem é que está comigo hoje?

Helena Correia (H.C.) e Amélia Santos Marques (A.S.M.).

Posso saber qual é a vossa formação?

H.C.: A minha especialidade é Arquivo, técnica superior de História com especialidade em Arquivo.

A.S.M.: Eu sou técnica de Museografia

Estão ligadas a este museu desde as suas origens?

H.C.: Sim, ambas. Quando o Museu surgiu foi no primeiro núcleo, que era a Real Fábrica de Panos (RFP). Nessa altura foi criado o Museu que, entretanto, se expandiu e eu vim para cá. A Amélia está cá desde que aquele núcleo foi criado. Eu estou cá desde que o Centro de Documentação e Arquivo Histórico (CDAH) foi criado, noutras instalações, em 1997. Depois quando foi reconstruído este edifício, o CDAH transferiu-se para este núcleo que é a sede. Nós dizemos que é o Centro de Interpretação dos Lanifícios, que tem duas valências: uma é núcleo museológico sobre a industrialização dos lanifícios e a outra o CDAH. Quando eu vim para cá foi como responsável do CDAH. Simplesmente, em 2000 começou a ser criado este núcleo, portanto acompanhei sempre a Dra. Elisa na adaptação do edifício para museu e para centro de documentação. Portanto, acabei por ficar muito ligada a tudo isto e cada vez menos ligada ao CDAH, porque a nossa grande prioridade tem sido montar tudo isto.

E a Amélia? Desde quando está ligada ao Museu?

A.S.M.: Desde 1996, mas eu já tinha estado no Museu aquando das intervenções arqueológicas quando se recuperou a RFP, em 1988-91. Nessa altura o Sr. Reitor resolveu não abrir o Museu ao público e eu fui embora. Passados 10 anos regresssei, ou seja, regresssei em 1996, e nessa altura o Museu abriu ao público com um horário reduzido.

H.C.: Sim, porque o Museu antes só abria para visitas especiais e era a Dra. Elisa que as fazia.

### 1. A inventariação, o inventariante e o Museu

Sobre a função da inventariação:

- 1.1. Diga-me as dez primeiras palavras que lhe venham ao pensamento quando ouve falar em “inventário”.

H.C.: Listagem	A.S.M.: Análise da peça
Conhecimento	Nome da Peça
Datação	Datação
Investigação	Proveniência
Análise	Materiais/ Matéria
Localização	Medidas
Nome	Fotografia
Origem	Registo
Materiais	Marcação
Dimensões	Limpeza

1.2. Queria pedir-lhe para me desenhar/descrever, primeiro por palavras, mas também num esquema simples, o circuito de inventariação do Museu nas condições actuais.

A.S.M.: Desenhar, é melhor a Dra. Helena, eu não tenho jeito.

H.C.: Não, faça você...

A.S.M.: Imaginemos que temos aqui uma fábrica e umas peças que nos foram doadas e nós, Museu, teremos de ir buscá-las. Então, arranjam um transporte, vamos à fábrica...

H.C.: Então, ponha aí um carro...

Podem também optar por colocar as palavras relacionadas com o que acontece em cada fase, ao longo do processo.

A.S.M.: Portanto, primeiro da fábrica para o Museu. Depois aqui, entrada Museu -elas entram nas reservas- ali é feita a análise do estado de conservação, e observação da peça; fotografada e avaliação preliminar, aí é que se põem as medidas. É porque a peça é analisada, depois faz-se uma ficha preliminar da peça. Nessa ficha é fotografada, medida, datada (data de entrada), proveniência e todo o registo das anomalias encontradas na peça mas como já falei em avaliação, não preciso de pôr, não é? E aí é posta uma etiqueta. Depois, a peça vai para a oficina ou vai para as reservas. Se a peça tiver fungos, oxidações, ferrugem, verdete... a peça dá entrada na oficina.

H.C.: Faça assim daqui, mau... vai para a oficina...

A.S.M.: Não, não, porque ela vai sempre para a oficina nem que seja para limpar o pó.

H.C.: Ah! Você é que disse que ía para um sítio ou para outro...

Então oficina e depois é que pode pôr: mau, vai para restauro; bom, limpeza.

A.S.M.: Depois disto a peça dá entrada em reserva, depois é acondicionada. Ainda não estamos a acondicionar, mas seria o que se deveria fazer...

H.C.: Então pode pôr: instalação nas reservas e aí é acondicionada.

A.S.M.: Depois deste processo todo feito é que passamos para a inventariação.

H.C.: Então ponha inventário.

A.S.M.: No inventário iniciamos o trabalho por fazer uma ficha manual, que é esta.

Posso levar um exemplar?

Sim.

Obrigada.

H.C.: Espere lá; esta é a 1ª fase, esta é a 2ª, esta é a 3ª, esta é a 4ª e esta é a 5ª.

A.S.M.: Agora aqui, 5.1. é a ficha de inventário manual, depois, 5.2.

H.C.: ponha o registo no livro.

A.S.M.: Sim eu é que me distraí, 5.1. registo no Livro de Inventário, depois 5.2. ficha de inventário manual e agora computador...

H.C.: Ficha de inventário informático

Falta a marcação. A marcação faz em que altura?

A.S.M.: Normalmente eu registo no livro e marco logo.

H.C.: Então ponha aí.

A.S.M.: Mas aqui já passámos. Pode-se pôr aqui, não pode?

Entretanto há uma outra coisa que só no ano passado é que iniciámos. Estamos a fazer o dossiê de peça, e aqui neste dossiê fica todo o historial da peça desde que ela entrou, como é que entrou, de que empresa veio - e aí introduzimos os dados da empresa - fotografias da peça, marcas... Introduzimos cá a fotocópia da ficha de inventário informatizada, a manual... e penso que mais nada.

Eu vou-lhe dar para ver, temos aqui um exemplo sobre um relógio de fábrica.

Aqui, depois da ficha informática, está a ficha manual, que é diferente, pois na ficha informática já houve investigação e nesta manual ainda não houve. Pronto, e o que nos falta aqui é a ficha de avaliação preliminar. Porque nós fazemos também informaticamente uma ficha de avaliação do estado preliminar.

Só as peças tratadas por nós, Museu, é que têm a ficha preliminar, onde aparecem todos estes pormenores do estado da peça, da intervenção realizada, da fotografia antes e depois do tratamento... As outras peças, que foram tratadas por empresas fora do Museu têm uma avaliação muito geral.

Qual seria o passo seguinte no circuito de inventário?

H.C.: A organização do dossiê da peça.

Ainda falta aqui o auto de doação e falta também a entrevista.

Este aqui é um caso concreto em que fomos buscar as peças à fábrica. Aqui, não sabemos se foi porque alguém disse: "Tenho ali uma peça, querem vir buscá-la" ou se foi uma fábrica que pura e simplesmente era da Universidade e fomos lá buscar a peça. Portanto, há duas situações porque cada vez há menos fábricas: é a dos antigos empresários que nos telefonam a perguntar se estamos interessados numa peça tal que eles têm em casa, ou então, se são coisas pequeninas, vêm eles cá trazer.

Se nós contactamos directamente com o proprietário da altura, fazemos-lhe sempre uma entrevista, perguntando-lhe o nome da peça - porque há peças que são completamente desconhecidas para nós - e fazemos-lhe uma entrevista. Portanto, tem que estar aí uma entrevista, Amélia.

Ponto 1.1.fábrica, ponto 1.2. entrevista com o antigo proprietário. E é aí que nós sabemos qual é o nome da peça, qual é lugar de onde a peça vem... Sim, porque muitas vezes eles tem-na em sua casa e nós temos que perguntar o nome da peça, de que fábrica vem, a data, quem é que a usou, e também um bocadinho da história da peça.

Normalmente conseguimos saber, mais ou menos, o nome da peça, de onde veio e a função, mas a descrição da peça, sendo uma máquina, é muito raro darem essa indicação.

E é com base nestes dados que o senhor nos dá, que fazemos primeiro um auto de doação. Portanto ponha "Auto de entrada".

**E aqui, portanto, primeiro seria a ida à fábrica e depois seria a entrevista. Ou seja, a entrevista seria mesmo 1.2.**

H.C.: Normalmente tem sempre a ver com a recepção da peça e, depois disso, fazemos o auto de entrada. É quase a primeira coisa que se faz. Nele eu fico a saber quando é que a peça entrou, quem é que a deu, que dia foi, de onde é que veio.

Depois não tenho uma série de elementos que são: a fotografia, as medidas da peça, não tenho o estado de conservação, às vezes tenho a função - que sou eu que digo à Amélia para ela ter uma ideia - e a Amélia dá-me os dados para a completar. E eu dou-lhe o auto de doação depois a ela, que é para entrar no dossiê da peça, para ela poder fazer o registo no livro de inventário, etc... E ela dá-me a fotografia e as características que não fui eu que as tirei, foi ela.

Então faz-se um auto de doação em duplicado e envia-se ao antigo proprietário que assina-o assim como a Dra. Elisa. Ele fica com um exemplar e nós ficamos com outro, em registo. Quem fica com esse auto de doação são os nossos serviços administrativos, que ficam com o processo de entrada onde incluímos um ofício de agradecimento. Depois a Amélia fica com uma cópia do auto de entrada que incorpora ali no dossiê da peça.

**Em que fase do processo fazem esse ofício de agradecimento?**

H.C.: É logo no auto de entrada. Assim que o auto de entrada está feito, envia-se logo ao antigo proprietário, o que também é uma salvaguarda, porque nós, no auto de entrada, dissemos logo que a propriedade passava a ser nossa.

**Tem uma vertente legal...**

H.C.: Sim e podemos usá-la para o que quisermos. Se quisermos um dia abater, por algum motivo, podemos abatê-la porque temos direitos sobre ela.

**Então o circuito de inventariação é esse.**

H.C.: Sim. Às vezes há umas trocas, mas depois...é este o trabalho que se faz. E no auto de doação houve uma altura em que nós não colocávamos fotografia e depois começámos a perceber que era mesmo precisa. Por isso agora incluímos logo.

**Vocês referiram auto de entrada e auto de doação...**

H.C.: É porque se eu for buscar uma coisa a uma fábrica que ninguém me doou, eu escrevo lá: "Auto de entrada" só para ficar no registo.

E também pode ser auto de doação ou auto de depósito.

Então são as três opções que predominam.

H.C.: Sim. Este aqui, o auto de entrada, quando é um achado ou uma aquisição.

O auto de doação quando nos fazem oferta.

O auto de depósito é uma questão da...

### 1.3. Gostaria então que me dissesse, sob condições ideais, qual seria o circuito adequado.

A.S.M.: Não, eu acho que esta ordem é muito boa. Ele entra nas reservas, portanto entra na parte superior de este piso. Logo na entrada das reservas é feita a avaliação, por isso a peça não vai mexer com as outras peças que já estão tratadas. Ali é feita a avaliação e, conforme o grau de bom ou mau em que a peça se encontra, ela vai para o restauro, ela é restaurada e depois ela é acondicionada. Acho que este percurso está certo.

H.C.: E não acha que está aqui algo a mais?

Neste momento o que está a mais é a ficha de inventário manual que já não devia existir. Depois a Amélia ainda não confia muito no sistema informático, porque não devia de estar já a fazer aquelas fichas manuais.

Porque ela tem os dados essenciais. Desde que ela tenha uma impressão, não é preciso estar a fazer o trabalho manual. Nós só o fazíamos porque não tínhamos nenhum software informático para o inventário.

A.S.M.: E nós inicialmente nem funcionávamos assim. Chegavam as peças ou a peça e era feito o inventário em listagem. Só através da listagem é que depois era feita a ficha manual.

### Então a única alteração que faziam, era prescindir da ficha manual.

H.C.: Nós quando ficámos com o *software* não fizemos uma boa pesquisa de mercado, não questionámos pessoas, questionámos muito pouco. A Dra. Elisa entregou este trabalho a uma empresa aqui da Covilhã que lhe garantiu que ia fazer uma coisa excelente. E que não iria fazer um *software* informático fechado, que iria ser aberto e permitiria todas as actualizações necessárias. Que faria uma plataforma que depois também desse para que o inventário estivesse acoplado à nossa página do Museu. Portanto, deram-nos imensas garantias de que isto iria sofrer actualizações. Sim, porque nos tivemos uma vez um problema com um *software* que compramos porque era fechado e não permitia actualizações no sistema operativo. Agora, neste caso nós adquirimos um serviço, não um *software*, foi um serviço para nos fazerem o software, com base nos nossos conhecimentos, com base nos conhecimentos deles, e que ainda tem muitos problemas que eles não solucionaram. Por isso, nesse aspecto, mudávamos alguma coisa porque nos tem dado alguns problemas.

A.S.M.: Eu, com a ficha manual não estou muito de acordo, porque acho que ela deve sempre existir, mas...

H.C.: Existe na mesma, só que impressa. Não está escrita à mão.

#### 1.4. Qual o circuito que foi utilizado na organização do inventário no contexto do Projecto Rota da Lã. TRANSLANA. Faz a gentileza de mo descrever?

H.C.: Mas o Projecto Translana (PT) não tem a ver...quero dizer, tem e não tem. A única coisa que o PT fez foi financiar-nos a musealização, ou seja, permitiu-nos ter dinheiro para comprar algumas máquinas que não tínhamos e que eram essenciais para a musealização deste espaço. Permitiu-nos comprar algum equipamento de suporte ao inventário, nomeadamente computadores, o *software* foi comprado através deste projecto, e depois toda a parte da musealização: mobiliário museográfico, conteúdos... De resto, este projecto em termos de inventário propriamente dito, não nos trouxe grandes melhoramentos porque as pessoas que cá estão são as mesmas.

Em termos de projectos, não foi só o PT também foi um outro, não foi bem um projecto, mais um programa, foi o AIBT (Acção Integrada de Base Territorial da Serra da Estrela) que nos financiou este espaço, portanto permitiu-nos grandes melhoramentos em termos de espaços de reserva, de oficina... Mas em termos deste circuito temos sido nós que temos vindo a melhorar.

Mas os bens que foram inventariados nesse projecto, bens relacionados com a actividade laneira - onde se incluem a transumância e a indústria têxtil - foram inventariados numa outra base de dados, não é?

H.C.: Não senhora, é a mesma coisa. O projecto financiou a parte da musealização do núcleo e financiou-nos a aquisição de peças para musealizar. Quero dizer, financiou-nos a compra de algumas coisas, mobiliário e equipamentos. Mas em termos de inventário...

O que eu percebi foi que ao longo deste projecto seriam identificados e estudados a fundo um conjunto de patrimónios relacionados com esta actividade...

H.C.: O projecto tinha 4 fases de actividades principais:

Primeiro era a musealização da Real Fábrica Veiga, em que quem estava envolvido era simplesmente o Museu de Lanifícios (ML).

Uma segunda fase era a remodelação e ampliação, primeiro do Museo Vostell - em Malpartida, Cáceres - depois do lavadeiro de lãs desse museu.

Depois havia uma terceira actividade, de investigação, em que esteve envolvido o ML, a Associação Tagus, que é em Cáceres, e mais o Parque Natural da Serra da Estrela, na primeira convocatória. Na segunda convocatória foi o ML e a Associação Tagus, e a investigação que eles fizeram já tinha à partida uma investigação feita pela Dra. Elisa durante anos, que era a do património industrial da cidade da Covilhã. Era um inventário das unidades fabris que tinham sido fundadas até 1950 aqui na cidade.

Neste projecto há também essa área de investigação, que é a do património industrial que surge ampliado pelos dois distritos, Castelo Branco e Guarda, ou seja, todas as unidades fabris e património associado a esta indústria foram inventariadas.

Depois, havia um outro eixo de investigação que é o das vias pecuárias e, esse aí, já era com a comarca de Tajo-Salor-Almonte que foi a Associação Tagus, em Espanha, que fez: inventariou todas as vias pecuárias existentes naquela comarca, que era um trabalho que estava mais ou menos adiantado, aqui no ML, juntamente com o Parque Natural da Serra da Estrela. Fizeram a inventariação das vias pecuárias, que nós chamamos vias da transumância, nos dois distritos também, Guarda e Castelo Branco. Isso tudo deu origem, na primeira convocatória deste projecto, a três volumes enormes, onde estava cada via, a



passagem de cada via em Portugal, por freguesias e concelhos - dentro de cada um dos dois distritos - e na comarca da Tagus era pelos municípios que faziam parte da comarca. Depois, do património industrial, eram aquelas fichas que a Amélia tem ali, com a caracterização de cada unidade fabril destes dois distritos em Portugal, porque na comarca de Tagus só tinham quatro unidades.

Ah! e depois também tínhamos uma outra actividade que era a das estratégias de difusão e disseminação, ou seja, pretendia-se fazer a divulgação dos resultados da fase 3 que era a da investigação. Então, na primeira convocatória, o que resultou foi um desdobrável que chamámos Roteiro “*Fios da Rota da Lã*”, onde aparecem lá marcadas num mapa da área territorial abarcada pela investigação, todas as unidades fabris, património associado e as vias pecuárias nestas duas regiões. Na segunda convocatória, que é esta que terminámos agora, era a publicação de uma obra impressa onde havia já contextualização teórica e onde pretendíamos divulgar os resultados daquelas fichas teóricas todas que tinham resultado da primeira convocatória, como também pensar que aqueles dados podiam valorizar os territórios em termos turísticos e culturais.

Fizeram primeiro um volume com a contextualização destas temáticas e a sua valorização, em que estabeleceram diversas rotas ou percursos pedestres.

O que acontece é que, como foi feito esse inventário de património industrial, e como a maioria das nossas peças vem de indústrias, de unidades fabris, a Amélia vai buscar esses dados que alguém já investigou no âmbito do PT, para saber um bocado da história, da proveniência da peça...

Vai lá, onde?

H.C.: A esses volumes que ainda estão a ser feitos. O primeiro já saiu, o segundo está a acabar.

Então isto que me está a mostrar não é uma ficha de inventário de uma base de dados criada para o PT?

H.C.: Não, isto é a forma de apresentar os dados que resultam da pesquisa à instituição que financia o projecto.

E então que nº de ficha é este, que eu pensava que era o código de inventário?

H.C.: Este código aqui significa: Cov., que é o concelho da Covilhã, e isto aqui quer dizer unidade fabril 35, que é um código que eles criaram, que tem o concelho, a freguesia e a equipa de investigação.

## 2. A última incorporação

2.1. Diga-me em qual das modalidades foram feitas as incorporações dos bens culturais individuais que resultaram deste projecto e que tiveram como destino o Museu dos Lanifícios:

2.1.1.	Compra	<input type="checkbox"/>	2.1.10.	Proveniência desconhecida	<input type="checkbox"/>
2.1.2.	Doação	<input checked="" type="checkbox"/>	2.1.11.	Herança	<input type="checkbox"/>
2.1.3.	Empréstimo	<input type="checkbox"/>	2.1.12.	Permuta	<input type="checkbox"/>
2.1.4.	Legado	<input type="checkbox"/>	2.1.13.	Afectação permanente	<input type="checkbox"/>
2.1.5.	Recolha	<input type="checkbox"/>	2.1.14.	Preferência	<input type="checkbox"/>
2.1.6.	Achado	<input type="checkbox"/>	2.1.15.	Dação em pagamento	<input type="checkbox"/>
2.1.7.	Transferência	<input type="checkbox"/>	2.1.16.	Depósito	<input type="checkbox"/>
2.1.8.	Expropriação	<input type="checkbox"/>	2.1.17.	Produção própria	<input type="checkbox"/>
2.1.9.	Fundo antigo	<input type="checkbox"/>	2.1.18.	Outra. Qual?.....	

H.C.: É doação, é sempre doação. Depois é compra e depois é depósito.

E se fossem colecções, seguimos a mesma ordem?

H.C.: Sim.

A.S.M.: E nós ainda temos aqui recolha, mas é muito pouco. E também temos achado. Da RFP temos uma quantidade enorme.

2.2. Indique-me agora em qual das modalidades foram feitas as incorporações de colecções:

2.2.1.	Compra	<input type="checkbox"/>	2.2.10.	Proveniência desconhecida	<input type="checkbox"/>
2.2.2.	Doação	<input checked="" type="checkbox"/>	2.2.11.	Herança	<input type="checkbox"/>
2.2.3.	Empréstimo	<input type="checkbox"/>	2.2.12.	Permuta	<input type="checkbox"/>
2.2.4.	Legado	<input type="checkbox"/>	2.2.13.	Afectação permanente	<input type="checkbox"/>
2.2.5.	Recolha	<input type="checkbox"/>	2.2.14.	Preferência	<input type="checkbox"/>
2.2.6.	Achado	<input type="checkbox"/>	2.2.15.	Dação em pagamento	<input type="checkbox"/>
2.2.7.	Transferência	<input type="checkbox"/>	2.2.16.	Depósito	<input type="checkbox"/>
2.2.8.	Expropriação	<input type="checkbox"/>	2.2.17.	Produção própria	<input type="checkbox"/>
2.2.9.	Fundo antigo	<input type="checkbox"/>	2.2.18.	Outra. Qual?.....	

2.3. Quais os critérios a seguir aquando da incorporação de um bem/exemplar?

H.C.: Bens relacionados com a indústria têxtil, dando especial atenção às peças raras e às que reflectem os primórdios da mecanização desta indústria. (neste âmbito aceitam-se todas as peças que completem a colecção actual, desde que a sua entrada no Museu não envolva custos acrescidos).

### 3. Uma História Simples

Pode contar-me uma história acerca de uma dessas incorporações, referindo em especial:

3.1. A data – certa ou aproximada – em que ocorreu;

3.2. As negociações entre o doador, ou vendedor, e a direcção do Museu ou quem o representou (as pessoas que participaram nessas reuniões);



- 3.3. Onde estava guardado/localizado o bem/exemplar ou o conjunto de bens/exemplares;
- 3.4. Como se fez o reconhecimento local da situação em que se encontrava o bem/colecção. Se a pessoa que fez a venda ou a doação deixou tirar fotografias no local;
- 3.5. As observações que foram efectuadas nesse local foram consideradas importantes para o conhecimento desses bens/exemplares e para a sua *nova forma de vida* no contexto do Museu;

H.C.: Nós temos aqui tantas situações Lorena, que nem imagina.

#### Uma qualquer...

H.C.: Olhe, eu tenho duas situações. Tenho uma, de muitas que tive, que vou dizer-lhe qual foi.

Tinha acabado de ter a minha filha - tinha ela dois meses - quando eu cheguei cá e tinha uma incumbência de ir recolher o arquivo de uma empresa, que era a João Roque Cabral, e então, eu e uma colega, a Lia, estivemos dois meses sozinhas numa fábrica imensa, sem guarda, sem luz, sem casas de banho, sem condições nenhuma. Assim, dois meses, de manhã à noite, a apanhar papéis do chão. A recolher nas piores condições que pode imaginar: Inverno, em Dezembro, com um frio de rachar, tudo sujo...

#### E em que ano foi isto?

H.C.: Foi em finais de 98. Essa experiência traumatizou-me. Quando é para ir a uma fábrica fico logo traumatizada. Porque nem podíamos ir à casa de banho, tínhamos que sair fora e, com o frio, despir-nos todas, com as mãos sujas de pó.

#### Como é que souberam desta fábrica?

H.C.: Esta fábrica foi adquirida pela Universidade da Beira Interior (UBI) para servir de residência universitária, e portanto, tinham acabado de vender e os sucateiros já tinham andado lá, e tinham deixado tudo de rastos, partido, tirado, e os documentos que estavam em móveis ou secretárias tinham sido tirados para o chão. Estava tudo devassado.

A Universidade, depois, queria fazer obras muito rapidamente e tivemos que, muito rapidamente tirar tudo de lá.

#### Não houve conversas de nenhum tipo com os proprietários?

H.C.: Não, de lá também trouxemos casais, muitas peças, uma carda enorme de cardação que está lá em baixo... Vivemos lá muito tempo.

#### As negociações então não foram com o doador mas sim com o proprietário que era a UBI...

H.C.: Não e depois quando isto acontece temos de ir buscar porque temos medo de que vá lá alguém, que devesse ainda mais as coisas, que roube. Por isso é tudo coisas que temos que ir muito depressa. E foi por isso que essa foi a pior incorporação de todas.

Temos passado por muitas. Aqui a caldeira também foi terrível, neste edifício grande, as condições que sofremos dois ou três meses... Passámos muito por este Museu.

Então temos estado a falar, sobretudo, de incorporações de espólio documental...

H.C.: Sim, porque é aquela em que eu tenho mais experiência. Também tenho andado por todo o lado com a Dra. Elisa. Mas aquela em que eu sofri de todas as maneiras foi essa.

Como é que fizeram o reconhecimento do local? Que é que foi importante para vós que ficasse registado no lugar aonde tinham ido buscar o espólio?

H.C.: Sobre o lugar? Normalmente não nos preocupávamos muito com isso porque a Dra. Elisa já tinha andado a fazer o reconhecimento enquanto investigadora do património industrial, e mesmo muitas vezes enquanto a fábrica ainda estava a funcionar. Neste caso conversou com o criador da fábrica, com os herdeiros... portanto ela tinha um conhecimento tão grande da fábrica que nós não precisámos de nos preocuparmos com isso. Quanto muito nós íamos buscar um casal, ou seja uma peça fundamental neste tipo de cadeia de trabalho, e tentávamos saber se era naquela secção que o casal estava, mas normalmente já estava tudo tão devassado...

E sabem, por acaso, que tipo de registos é que ela privilegia?

H.C.: Era mais sobre as ocupações da fábrica: quem tinha sido o fundador, quem é que tinha as designações pelas quais o edifício era conhecido, o que se fabricava lá, se a fábrica tinha vários edifícios... para que é que servia cada um deles. Portanto, já há muitos anos que ela estava preocupada com isto do inventário, porque começou a ver que tudo isto ia desaparecer mais tarde ou mais cedo, e preocupou-se muito com isto.

E vocês, ao fazer a recolha do espólio: o que é que registam sobre o lugar?

H.C.: Nós registamos as condições em que se encontrava, porque da documentação ninguém sabe normalmente. E é depois, quando se está a inventariar, que se vê como é que eles tinham as coisas organizadas. Mas isso já é um trabalho feito aqui.

### 3.6. A chegada ao Museu: Quem se interessa por ver o bem/exemplar ou a colecção? Quem tem acesso a ele? Contam-se histórias? Acontece algo de novo no Museu e nas relações entre as pessoas?

A.S.M.: Sim, a nível humano... entre nós. Estou a lembrar-me da peça da família Feio, no princípio deste ano. Fomos as duas para lá: uma casa de três andares, escadas a pique, que estava quase a cair, sem telhado, sem porta, sem janelas. Fomos as duas para lá fazer recolha documental e de peças. Então andávamos nas salas e o soalho a partir, tudo lixo... Tentámos saber histórias da família e, no meio daquela confusão toda, encontrámos uma peça que não tínhamos, um rodo, e também algumas peças curiosas. Às vezes, as pessoas não nos sabem dizer mas como vem aqui, ao Museu, tanta gente deste sector, nós perguntamos se sabem para que é que uma peça serve, o nome dela...e há sempre algum entendido que sabe.

### 3.7. Como são feitos o inventário e a arrumação, no contexto do Museu? Já foi respondida anteriormente, não é?

A.S.M.: Sim.

## 4. O Museu Manifesta-se

Pode falar-me dos temas que mais interessam ao Museu para um reconhecimento dos bens culturais que nele entram, dando conta sobretudo:

4.1. De aspectos relacionados com a história do bem/exemplar: material de que é feito, funções que exerceu ou exerce, o seu autor ou autora, as circunstâncias em que foi feito, o seu valor estimativo para as pessoas que o tinham na sua posse;

4.2. De aspectos relacionados com a história da pessoa ou pessoas que o usufruíram;

Na vossa opinião, que temas interessam mais ao Museu no que toca à história das peças?

H.C.: Aqui, é a função, porque história, história, nunca a conseguimos saber. Eventualmente sabemos em que firma compraram aquela peça, mas de resto, mais nenhuma história, a não ser acidentes de trabalho... ou então histórias tipificadas em relação a um determinado tipo de peça. Por exemplo o lobo abridor era uma peça perigosa nas histórias...

Ainda encontram pessoas que conheçam bem este meio, que tenham trabalhado com as máquinas?

H.C.: Há muitas histórias aqui na indústria. Eles contam: "Aí o fulano de tal ficou sem um braço..."

Portanto, aqui o interessante é a função da máquina.

E há intenção de procurar as pessoas para desenvolver a conversa com eles e perceber que relação tinham com o trabalho, com a máquina...?

H.C.: Isso aí é uma falha que nós temos tido, mas a Dra. Elisa, como dá aulas na UBI, no Departamento de Letras da disciplina de História Económica e Social, ela tinha a intenção de pôr os alunos a fazer esse trabalho de busca de fontes orais. Portanto, eles é que tinham que pesquisar e encontrar as pessoas que tinham executado uma determinada profissão, uma determinada actividade... porque aqui há muitas coisas típicas: é o tecelão, é a esbicadeira, a fiandeira, a cervadeira. O que ela queria era pôr os alunos à procura de essas pessoas e a entrevistá-las para contarem a sua experiência, porque há histórias muito interessantes, sobretudo porque ainda há muitas pessoas do tempo em que vinham logo aos 10 anos trabalhar para a fábrica.

Quantos anos têm essas pessoas agora?

H.C.: Muitos. Uns 80. Há histórias muito interessantes, vinham desde Cascos de Rolha... mas fazer essa recolha oral sistemática, não fazemos. É uma pena.

4.3. Gostava de saber se o registo dessas informações é tido por essencial:

4.3.1. Para se prepararem exposições no futuro;

4.3.2. Para a história do Museu e das suas actividades;

H.C.: Têm sido organizados para a exposição permanente. São fundamentais. Normalmente esses dados que as pessoas nos dão têm sido muito úteis para perceber como é que funciona a peça ou até para poder descrever como é que funcionam as máquinas, pois às vezes temos dificuldade em perceber o funcionamento delas e, sobretudo, dos mecanismos que ela tem. E aí, a ajuda dessas pessoas é preciosa porque elas dão nome às coisas e dizem para que é que servem.

Ao fim e ao cabo, o nosso grande papel nisto tudo é salvaguardar este património que vai deixar de existir. Aliás, temos cá peças que já ninguém tem. É mais com essa função porque

não são propriamente peças que, dada a sua dimensão e peso.... Que se possam emprestar...

4.4. Estes estudos e inventários permitem considerar o bem/exemplar que entrou no Museu ou a colecção que passou a fazer parte do seu espólio, como objectos que antes tinha uma *vida em sociedade*?

H.C.: Vamos ver se conseguimos, até agora não pode ser, Lorena. Nós gostávamos. Nós gostaríamos de conseguir isso a nível de vídeo. Porque nós, na exposição, tínhamos um projecto de multimédia muito interessante, mas depois não tivemos dinheiro. Ou seja, tínhamos contado que nos financiassem uma terceira fase, que era o projecto multimédia, mas não nos financiaram. Então nós partimos para uma solução muito modesta que foi comprar uns televisores LCD que, pelo menos, vão passando imagens.

Têm registos de imagens em movimento?

H.C.: Sim, sim. São filmes de época. Há um, que é um filme que tem a Cinemateca Portuguesa que foi filmado no início do século aqui nas fábricas. E quem os ajudou foi a Dra. Elisa porque eles tinham os fotogramas todos baralhados por causa de um incêndio, e ela ajudou-os a pôr aquilo tudo em ordem. Portanto, nós estamos com esperanças de ter esse vídeo, que é fundamental, porque se vê, no início do século, as pessoas a saírem da fábrica, a sineta... coisas engraçadas.

## 5. Projectando o Museu Ideal.

5.1. Indique-me que propostas apresentaria para actualizar e conferir maior eficácia ao quadro de funcionários/as do Museu falando em especial...

H.C.: Tínhamos que aumentar o quadro do pessoal. É assim, era fundamental, para já, termos um museólogo... talvez mais virado para a conservação e restauro.

Depois, no serviço educativo, um técnico que orientasse essa área.

Depois, precisamos de ter mas 3 guardas-guias. Mais o núcleo novo... Três, não! Quatro!

A.S.M.: Da parte da multimédia também era bom termos alguém...

H.C.: Para já... Ah! E um director. Sim, porque a Dra. Elisa vai reformar-se, mais tarde ou mais cedo, vai reformar-se.

Sobretudo, para termos as funções mais bem definidas, com o objectivo de conseguirmos ser mais competentes no trabalho que fazemos. Sim, porque nós tocamos tantas teclas que não conseguimos fazer bem nada. Fazemos o melhor que podemos, claro. E sobretudo conseguirmos dinamizar as coisas, trazermos cá as pessoas, termos o Museu sempre cheio... Sabe como é que é, não sabe?

Não querem acrescentar mais ninguém?

A.S.M.: No ideal, seria também um desenhador e um técnico em montagem e desmontagem de exposições. Sim, porque somos nós que fazemos. Alguém com conhecimentos para isso...

H.C.: Sim, isto aqui é muito grande, vamos precisar de mais alguém para a manutenção. Duas pessoas, pelo menos.

Então além da pessoa da Museologia, uma pessoa de Conservação...

H.C.: Sim, sim.

E pensando mais na área do inventário, de quem sentem falta?

H.C.: Um técnico superior de Museologia é a pessoa que mais falta faz neste momento, uma pessoa que também fizesse investigação para os catálogos, para as exposições, é o que mais falta.

Sim, bastava um técnico que soubesse de Museologia e de investigação. Pessoas a mais, às vezes só dá confusão, e o nosso Museu é pequeno. Temos é que ter também pessoas a executar.

Falem-me em especial:

5.1.1. Nos conhecimentos que uma pessoa deve ter para estudar e inventariar objectos e colecções;

5.1.2. Em outras categorias profissionais relevantes para o estudo e inventário de objectos e colecções de diferentes naturezas;

A.S.M.: Um técnico de fotografia, para tirar boas fotografias, para tratar as fotografias. Um técnico de informática.

5.1.3. Nas categorias profissionais que gostavam de criar para aperfeiçoar o trabalho de inventariação.

5.2. Indiquem-me alguns dados sobre o pessoal relacionado com a função da inventariação no contexto deste Museu, referindo por exemplo...

- O nº de pessoas que desenvolve esta função no museu;

H.C.: Somos nós as duas. Duas mulheres.

Muito bem, mas será que podemos afinar alguns dados sobre o vosso perfil sócio-profissional?

- As vossas idades e sexos;

Amélia...

A.S.M.: 55

Helena...

H.C.: 46.

- A vossa formação (áreas, níveis e actualizações);

Helena é...

H.C.: Técnica de Arquivo

Amélia é...

A.S.M.: Técnica profissional de Museografia

- A vossa experiência profissional;

A.S.M.: Eu ganhei tudo aqui. Mas também estive a trabalhar no Museu Francisco Tavares Proença Júnior, com a antiga directora, Clara Vaz Pinto.

H.C.: Eu não, aprendi em arquivos, em bibliotecas... O inventário não me é uma coisa estranha...

- As vossas condições de trabalho...

São funcionárias as duas?

H.C.: Sim.

Estão aqui a tempo inteiro?

H.C.: Sim.

Há quanto tempo são funcionárias?

H.C.: Do quadro, pelo menos seis anos...

A.S.M.: Eu estou cá há treze, menos três... dez anos, no quadro há dez anos.

Posso saber qual é o vosso escalão do ponto de vista da remuneração? Eu estabeleci escalões do tipo: até aos 750€, dos 750 aos 1000€, dos 1000 aos 1500€...

A.S.M.: Eu ganho a partir dos 750, mas é pouco mais...

H.C.: É 1000 a 1500.

- Quais destes elementos trabalharam na organização do inventário no contexto deste Projecto? Em que condições e durante quanto tempo?

H.C.: Não, nós não. Foram investigadores externos, contratados.

Com que objectivos é que se fez o inventário do PT?

H.C.: Foi o de sempre, um dos objectivos do Museu é a salvaguarda da memória dos lanifícios. Para além da investigação, a conservação. A salvaguarda desta memória é através do património material ou imaterial... que nos tem vindo a falhar...

Sim, mas a componente imaterial dos bens que foram inventariados no PT também foi trabalhada...

H.C.: Sim, sim. As equipas de inventariantes tinham que se deslocar às unidades, tinham que falar com as pessoas que lá trabalhavam, tinham que recolher testemunhos nas fábricas...

Então fizeram recolha oral... e onde estão essa recolhas?

H.C.: Olhe, não sei. Por que eles também não fizeram muito.

Mas há aqui uma falha muito grande: é que para fazer uma entrevista, é preciso saber conduzi-la e a maior parte das pessoas não o sabiam fazer, eram conduzidas pelas pessoas entrevistadas.

Ou seja, aquilo acaba por não servir para nada. Porque são pessoas que têm uma sede tão grande de falar que elas é que acabam por conduzir tudo. Depois têm esses momentos dispersos... ou seja, não dizem nada do que a gente quer. Os entrevistadores têm que saber entrevistar. Têm que ser pessoas que saibam.

5.3. Fale-me do que faria para transformar o seu Museu num lugar ideal para o público, no que tem a ver com o acompanhamento de visitantes, no contexto de exposições que visem o estudo, divulgação e valorização dos patrimónios identificados neste Projecto.



H.C.: Era engraçado treinar as pessoas para saberem fazer visitas dinâmicas, contar histórias pitorescas...

Então, primeiro, uma equipa de educação patrimonial no serviço educativo.

H.C.: Sim. Nós, por acaso, temos tido sorte com as pessoas que fazem visitas. D. Amélia fazia visitas muito interessantes...

Quem é Dona Amélia?

H.C.: Esta senhora que está aqui...

E para divulgar os patrimónios que foram identificados/estudados durante o PT, o que é que faziam?

H.C.: Não, não tivemos tempo para nada.

Sim, mas, e pensado no museu ideal?

H.C.: A intenção da Dra. Elisa era divulgar o património, ter esse conhecimento, dar esse direito porque esse conhecimento que nós temos, pode potencializar muitas vertentes turísticas que não é a nossa vertente. A Dra. Elisa sonha em ter um geógrafo que fizesse percursos pedestres... mas eu acho que não nos compete a nós. Para já, não temos pessoal...

Mas estamos a falar no museu ideal...

H.C.: O museu ideal. Agora já se faz tanta coisa com o PDA, com os GPS, com os telemóveis...

Nós nem precisamos de ir com eles.

Quanto muito, podia ser um percurso ou outro ao nível da cidade...

A.S.M.: Que já fizemos...

H.C.: Mas acho que todo aquele trabalho que fizemos, não foi para nosso uso. Foi para uso da comunidade, nós estamos a prestar um serviço aos outros.

Sim, mas, e toda essa informação que me mostraram nas fichas do PT, como vai ser divulgada?

H.C.: São os livros. Eles dizem lá tudo. Nós também podemos usar, mas acho que não é a nós que compete isso. Aquilo é uma obra de referência que vai sair, quer com percursos pedestres - que agora estão em voga - quer para saber o que é que ainda há e o que é que vai deixar de existir, porque as coisas estão a ser deitadas abaixo.

E a componente imaterial, também está nos livros?

H.C.: Imaterial? Não, não foi com isso. Por exemplo estão registados todos os edifícios que foram utilizados para esta indústria e que, entretanto, estão a desaparecer, porque as cidades estão a crescer e porque esses edifícios não conseguem ser reabilitados para outras funcionalidades. Mas agora está registado, é uma memória que ficou. Já não se perde.

Além disso, estamos a orientar sobre o que tem interesse e o que não tem, o que se deveria conservar e o que não. Portanto, até para os Planos Directores Municipais aquilo pode vir a ser muito importante.

5.4. Indiquem-me como transformava o seu Museu num lugar ideal para o público, referindo mais especificamente as questões que envolvem contactos e relacionamentos com a população envolvente.

H.C.: Primeiro, era que as pessoas da comunidade envolvente se interessassem pelo Museu, que contribuíssem em alguma coisa. Há uma coisa que nós gostaríamos de ter e não temos, que é um grupo de amigos do Museu. Queríamos ter cá um grupo de amigos que também nos ajudassem a pensar e a dinamizar isto. Queríamos muito que antigos operários, técnicos... se interessassem e que tivessem aqui um papel...

Nós temos que abrir-nos para eles, mas eles também deviam...

A.S.M.: Mas não estão muito ligados ao Museu...

H.C.: Todos sabem que nós guardamos as coisas e quando não sabem que fazer eles vêm aí. Pelo menos já perceberam que o Museu é um lugar para se guardar cá coisas.

Sim, mas essa é a perspectiva do museu do século XIX...

H.C.: Sim, mas essa é a perspectiva que eles têm, porque todas as actividades que nós fazemos as pessoas aderem muito pouco.

Imaginem que não estivessem tão “atadas”, e que tivessem mais meios, mais pessoas... Que outras coisas fariam?

H.C.: Púnhamos o ateliê a funcionar com as escolas, para os grupos. Tinha de haver uma grande comunicação com as escolas, tinha que ser com os professores de desenho, com pessoas... É isso que nós temos aqui, que é uma coisa pouco utilizada e devia ser mais utilizada, sobretudo pelos jovens, porque os outros já não estão interessados, tem sempre alguém que trabalhou nesta indústria. As pessoas que sabem, não estão interessadas. Parece que todos sofreram muito com isto e ainda não se conseguem libertar desse passado.

Mas estas pessoas podiam dar um contributo importante ao Museu participando, partilhando o seu saber e experiência, ensinando...

H.C.: Sim, é verdade, mas é engraçado que nós já tivemos cá muitas pessoas pelo programa ocupacional, técnicos como este senhor que está aqui, que sabem fazer tudo: o tecido, o desenho do tecido... que tiveram cá a trabalhar para nós tanto tempo, que aparentemente gostavam de estar cá, embora estivessem à espera que chegasse a reforma. No entanto chegou a reforma e eles desapegaram-se completamente. Portanto, as pessoas cá não têm esta cultura de, depois de se reformarem, contribuírem para alguma coisa. Pensam assim, não estou para trabalhar de graça para a Universidade, o Estado. Acho que a ideia das pessoas é esta.

## 6. A gestão do conhecimento.

6.1. Falem-me do sistema de documentação e gestão da informação relacionada com o espólio do Museu, no contexto da organização desta exposição, referindo em especial:

- Os critérios de selecção utilizados na escolha do sistema.
- A denominação do sistema utilizado e os objectivos pretendidos pelo Museu;

H.C.: É o MUSLAN.

Que objectivos pretenderam com a criação desta base de dados?

H.C.: Era permitir uma melhor gestão da informação, gerir melhor os bens. Saber que bens tínhamos em mau estado, quais é que tinham entrado numa determinada data...enfim, que nos desse resposta a uma série de questões que formam parte do dia-a-dia e que, com as fichas manuais, temos que andar a contar tudo à mão. Portanto, era sobretudo para gestão interna, e depois também para permitir a sua divulgação no exterior via *on-line*.

- A sua utilidade (a nível interno e a nível externo ao Museu), possibilidades de trabalho em rede com museus da mesma temática e com museus em geral, preparação da exposição...;

H.C.: A nossa base de dados tem estado... teve três períodos com programação mas quem a tem estado a utilizar é a Amélia, mas só para carregar, porque ela estava em branco. Portanto, essas perguntas ainda não conseguimos responder. A Amélia começou no ano passado, mas só a carregar, porque nós ainda não conseguimos...

Ainda não comunicam nem sequer entre vós?

H.C.: Não, porque está muito incompleta, porque ela começou a registar a partir do princípio, ou seja, ainda não conseguimos saber quantas peças temos, quantas entraram neste ano...

Sim, mas pelas fichas manuais têm, pelo menos, uma ideia do total de peças...

Sim, no total, umas 700 e tal...

A.S.M.: Não, mas 700 e tal são as que estão registadas, mas nós temos mais.

H.C.: Nós temos dois inventários. O outro está fechado, o do Museu lá de cima. É de fichas manuais e fechou porque não entra lá mais nada.

Fichas manuais... Não há base de dados?

H.C.: Não, porque como este é que está em evolução, demos prioridade a este.

A.S.M.: E neste estão 800 e tal registos de peças, mas existem mais que 800 e tal.

De portas para fora, esta base de dados consegue comunicar?

A.S.M.: Sim, já lá está, não tem grande coisa, mas vá lá ver...

O que é que mudavam?

A.S.M.: Eu, no fundo, não mudaria grande coisa na ficha.

Na base de dados...

A.S.M.: Sim, eu acho que tem alguns itens que poderiam lá não estar e outros que deveriam lá estar. Mas eu não me estou a lembrar. Eu fiz umas anotações e não me estou a lembrar... Tinha alguns problemas com as imagens mas já estão resolvidos.

E na procura?

A.S.M.: Não é a maneira mais fácil de se procurar, por enquanto, porque ela não está a funcionar. Depois, penso que é fácil porque se pode fazer a procura até por dois sistemas.

Então vão poder procurar por...  
A.S.M.: Por palavra, por número...

- A possibilidade de actualização do sistema e dos dados nele contidos;
- Os custos aproximados que envolve a sua aquisição e manutenção.

6.2. O que mudavam/acrescentavam ao sistema para ele desenvolver a sua função de forma mais dinâmica e acessível, na preparação de exposições?

## 7. A experiência da entrevista realizada.

Gostava de saber o que é que acharam da entrevista realizada.  
Acrescentava algum outro dado que não tenha surgido ao longo da conversa? Qual?

H.C.: Eu tenho pena de não me poder dedicar mais a isto, porque acho um trabalho interessantíssimo, sobretudo a parte de investigação.

Eu orientei a Amélia na utilização do sistema, mas de resto não a acompanho, não tenho tempo de validar a informação... portanto, ela está muito sozinha nisto.

Eu gostava muito de me dedicar a isto também.

A.S.M.: Depois quando tenho dúvidas também vou investigar à *Net*, faço perguntas...

H.C.: Pois, mas devia validar, certificar o trabalho dela... e não faço isso...

A.S.M.: Eu gostaria de fazer uma pergunta: o porquê deste trabalho...?

Meu?

A.S.M.: Sim.

Este trabalho forma parte do processo de elaboração de uma tese de doutoramento em Museologia que estou a realizar no contexto de um projecto de desenvolvimento sociocultural europeu, chamado *Celebração da Cultura Costeira*.

Aproveitando esta experiencia, escolhi como temática central da tese de doutoramento o inventário de património imaterial, precisamente porque no seio deste projecto se está a proceder à implementação de um sistema de inventário participado que coloca as comunidades em primeira linha de actuação, de apropriação e de aprendizagem das suas diferentes formas de cultura.

A verdade é que me pareceu uma oportunidade interessante de pegar numa temática como a do inventário para desenvolver um trabalho desta natureza. Daí vem este interesse em perceber como é que os museus portugueses desenvolvem esta função e também o lugar que ela ocupa na construção do conhecimento.

A.S.M.: Pois, é que aqui são duas coisas muito distintas: nós trabalhamos no interior do Museu e a Dra. Elisa no exterior. Esta parte deste outro inventário já tem que ser com ela, porque ela é que foi a coordenadora científica de tudo isso.

Sim, eu já combinei com ela, e provavelmente iremos ter uma pequena conversa.

Obrigada.

## **Outras informações relacionadas com o Sistema de Gestão das Coleções (SGC) do ML.**

**Respostas obtidas, ao longo de 2010 e 2011, através de correio electrónico e por contactos telefónicos, com a colaboração de Helena Correia.**

### **6.1. Fale-me do sistema de documentação e gestão da informação relacionada com o espólio do Museu, referindo em especial:**

#### **Número de bens que integram o espólio do Museu.**

Recorrendo ao que foi registado no Inquérito aos Museus (INE) 2010, o Museu de Lanifícios possui sob a sua custódia:

- Nº estimado de bens arqueológicos: cerca de 10.000, encontrando-se localizados no Núcleo da Real Fábrica de Panos.  
Deste total: 50 estão fotografados, com inventário e encontram-se na exposição permanente, encontrando-se os restantes bens em reserva;
- Nº total de bens técnico-científicos e industriais: 1890, entre os Núcleos da Real Fábrica de Panos e da Real Fábrica Veiga.  
Deste total: 1590 têm inventário sumário e/ou desenvolvido e têm imagens, 345 estão registados em Base de Dados – MUSLAN ([www.museu.ubi.pt](http://www.museu.ubi.pt))
- Nº estimado de bens bibliográfico-arquivísticos: 23.899.
- Outros bens/produtos têxteis: cerca de 69.784, dos quais, fotografados 7013 e em bases de dados 8.000.

#### **Números totais de bens inventariados no SGC do ML:**

- **Número de bens que integram o espólio do Museu:** 105.564
- **Percentagem com inventário informatizado:** 9.640 (aproximadamente 9%)

#### **Nome da empresa que criou o MUSLAN e data em que foi adquirido e implementado.**

A empresa que criou a Base de Dados de Bens Museológicos – MUSLAN – foi a ASSEC SIM!, Sistemas de Informação e Multimédia (Covilhã, <http://sim.assec.pt>). Esta base de dados foi criada de raiz, com a nossa coordenação, a partir de 2005, tendo sido testada pela primeira vez em 2007-08, no âmbito de um estágio do Curso Integrado de Estudos Pós-graduados em Museologia, pela Universidade do Porto, que, para além de proceder aos testes, ainda criou um manual de normas de apoio ao MUSLAN.

Finalmente foi colocada online em 2008, através da Página Web do Museu ([www.museu.ubi.pt](http://www.museu.ubi.pt)).

A estrutura da base serve para duas bases de dados (virtuais), a de bens museológicos, MUSLAN, e a de bens têxteis, ARQUEOTEX.

**Custos envolvidos:** Desenvolvimento e implementação da aplicação para a gestão de um banco de dados têxteis e espólio museológico, que envolveu a criação de uma base de dados relacional em linguagem php, com arquitectura multi-tier e a migração de dados existentes para a nova base de dados; Instalação e configuração de dois servidores em

Linux (um com o sistema de gestão de base de dados potgrees, e o outro como servidor de páginas *Web*).

A verba gasta foi de 4.980,00€, sem IVA.

No entanto, como o sistema foi criado de raiz vai apresentando erros de programação que a empresa tem vindo a resolver sem custos adicionais de manutenção.

A ligação online ao *Website* envolveu outros custos que se devem à criação da Página e, que inclui este serviço.

#### **Desde essa altura já foi actualizado do ponto de vista estrutural?**

Sim. Eles continuam a dar-nos apoio. Porque a base apresentava ainda alguns problemas de programação, que têm vindo a ser colmatados, e de forma graciosa.

#### **Objectivos para o futuro no que toca à utilização do sistema a nível externo (comunicação on-line, com outros museus...) isto é, o que sentem em falta, ou o que mudavam, para ele funcionar melhor a este nível.**

Para já, temos a base de dados a funcionar e encontramos-nos a carregar os dados dos bens sob a custódia do Museu. Ainda temos muitos registos para efectuar e até validar, porque quem está a fazer o trabalho de inventário e de carregamento de dados é uma técnica profissional. Está a fazer, contudo, um muito bom trabalho, por vezes com o nosso acompanhamento, quando tem dúvidas. Mas, de facto, os dados deveriam ser validados. Gostaríamos de ampliar as bases de dados de forma a abranger o universo arquivístico que detemos, que deve ser objecto de uma descrição diferente que obedece a normas internacionais também diferentes. Por isso gostaríamos de adquirir uma aplicação informática especialmente vocacionada para este tipo de documentos (aliás, temos averiguado no mercado o que existe). O mesmo para os bens bibliográficos. E gostaríamos de ter uma plataforma que permitisse a pesquisa em todos estes universos. Depois associarmo-nos a outras redes de entidades que também têm por missão a salvaguarda do património, material e imaterial, laneiro e industrial.

Até à semana passada encontrávamo-nos a articular um projecto para candidatura ao INTERREG4C, onde um dos objectivos essenciais era a construção de um Portal *Web*, que incluísse ligações a diferentes bases de dados dos parceiros envolvidos, que contivesse aplicações multimédia, informações gerais sobre o projecto... tudo relacionado com a preservação, salvaguarda e divulgação do património laneiro e industrial a nível europeu e a promoção de uma rota da Lã Europeia.

#### **Outras informações obtidas.**

Já temos uma nova funcionária no Museu para ir implementar o Serviço Educativo do Museu de Lanifícios. Começou este mês, por isso é ainda cedo para se obter resultados. Também já está editado, mas ainda não lançado publicamente, a obra «Rota da Lã TRANSLANA, percursos e marcas de um território de fronteira: Beira Interior (Portugal) e Comarca Tajo-Salor-Almonte (Espanha)», em dois volumes + 1 DVD interactivo.



**Outras informações relacionadas com o *Projecto Rota da Lã-Translana*. Respostas obtidas, ao longo de 2009, através contactos telefónicos, com a colaboração de Elisa Pinheiro.**

### **Sobre o circuito de inventariação utilizado ao longo do processo:**

- 1º Realiza-se investigação prévia no museu, por áreas geográficas e por evolução histórica dos imóveis associados à indústria dos lanifícios nos séculos anteriores.
- 2º Desenvolve-se o trabalho de campo com o objectivo de:
  - Cartografar, fotografar e documentar os bens em estudo;
  - Pesquisar fontes orais à procura de informação sobre os bens;
  - Pesquisar através de outros recursos actuais, como o Google.
- 3º Retoma-se o trabalho de pesquisa para aprofundar as realidades identificadas com os seguintes objectivos:
  - Definir as linhas das ocupações, recuando para o passado mediante a conjugação de vários tipos de fontes sendo que, em muitos casos, a pesquisa leva-nos até princípios do século XIX, ou inclusive até ao século XVIII;
  - Caracterizar as pré-existências e existências actuais;
  - Introduzir os dados procedentes das fontes consultadas;
  - Proceder à localização geográfica.

Deste trabalho todo resulta, no final, a inventariação e, também, a recolha de algum espólio documental já que, estando os edifícios esventrados na sua maioria, não é possível retirar mais nenhum outro tipo de objectos.

### **Sobre a base de dados criada para o projecto**

Base SIG, criada pelo Departamento de Engenharia Civil da UBI e localizada no próprio departamento, tendo por finalidade a localização/documentação dos imóveis relacionados com esta indústria.

Desvantagem: escassa capacidade de colocação de outras informações, não comportando:

- grande recolha histórica, mas sim dados fundamentais sobre a caracterização, função, etc.
- registos áudio e vídeo resultantes da pesquisa das fontes orais

### **Sobre a pesquisa de fontes orais**

Envolvem pesquisa prévia sobre os/as agentes locais com melhor perfil para colaborar no processo.

Foram realizadas primeiro com registo áudio e depois com registo vídeo, com frequência no próprio museu, mas também nos lugares onde se desenvolveu a pesquisa.

São posteriormente transcritas por freguesias, e colocadas junto de outros documentos seguindo este mesmo critério.

**Sobre a equipa que realizou este inventário e sobre os critérios que foram utilizados para a selecção das pessoas (partindo do conhecimento de que as duas técnicas que fazem inventário no ML não formaram parte deste processo)**

1 Arqueologia

1 Sociologia

1 História, vertente Património Cultural

4/5 Geografia

2 História (a fazer exclusivamente pesquisa de arquivo, sendo uma delas a Dra. Elisa)

Total: 10 pessoas

Com predomínio do sector masculino (7 das 10 pessoas)

Idades compreendidas na faixa dos 25-30 anos

Pessoas recém-licenciadas com alguma experiência, pois já tinham trabalhado com a Dra. Elisa noutro projecto

Trabalhando a recibo verde e com contrato temporário.

### Objectivos definidos para o projecto

Inventário dos bens imóveis associados à indústria dos lanifícios de um e de outro lado da fronteira. No caso português, no território localizado entre o Tejo e o Douro.

Duração do projecto: 5 anos

### Metodologia utilizada

Trabalho de arquivo

Trabalho de campo

De novo, trabalho de arquivo

De novo, com frequência: trabalho de campo (para conferir dados)

### Possibilidades de consulta dos registos que resultam do trabalho de recolha de fontes orais

no CDAH, mas dependente de tratamento prévio para disponibilização pública.

### Actividades que gostava de implementar no Museu para divulgar o conhecimento produzido

Divulgar tudo:

- Primeiro, em forma de publicações, que estão em fase de finalização (na altura, em 2009)
- Depois, mediante a organização dos dossiês segundo fontes primárias (plantas, documentos...) no CDAH, incluindo-se as fontes orais com dados pormenorizados como a identificação e formação das pessoas entrevistadas.

### Sobre o sistema SIG utilizado no projecto

Foi utilizado o ArcView 3.3. e, a partir daí, diferentes versões até chegar ao 9.1.

Vai sendo alvo de actualização regular.

Trata-se de um programa ao serviço do ordenamento do território e não ao serviço do património ou dos museus.